

## DOS PIONEIROS FESTIVAIS DE TEATRO PARA CRIANÇAS NO BRASIL ÀS INICIATIVAS CONTEMPORÂNEAS

Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz<sup>1</sup>

Num país de tão largas proporções, afirmar qualquer pioneirismo é complicado. Por vezes fica difícil precisar, com toda a certeza, se aquela foi mesmo a primeira vez, fruto de uma luminosa iniciativa, promissora, inédita, um avanço. Como a história se faz com muitas vozes, e algumas não são ouvidas e até silenciadas, primeiramente vou explicar que este artigo surge de um recorte cuja principal fonte foi a imprensa – mas não só – e que, para acessá-la, é preciso compreender que aqueles que foram registrados tiveram algum poder para isso, de persuasão, proximidade, convencimento ou vigor político para se fazer existir nas páginas dos jornais<sup>2</sup>. É deles que parto para tecer, em tão poucas linhas, a história dos primeiros festivais de teatro para crianças no Brasil, com a ajuda também de livros, estudos acadêmicos e muita busca pela *Internet*.

Ainda é preciso salientar que ficaram de fora desta resenha mostras de teatro, ciclos, seminários, campanhas de popularização, prêmios, maratonas, salões, fóruns, semanas, congressos, cursos, concursos, encontros, jornadas, palestras, festivais específicos de estudantes, de universitários e ainda os de formas animadas (bonecos, sombras, objetos, máscaras, miniaturas, lambe-lambes, etc.). O interesse é dar visibilidade aos eventos que se autointitularam festivais – reconhecendo, inclusive, que muitas das atividades acima se encontram inseridas em tais programações – e com foco primordial no público infantil, o que não impede que plateias das mais variadas pudessem usufruir dos mesmos, como símbolo de resistência coletiva. Afinal, os festivais, como já afirmou a pesquisadora Maria Helena Kühner (1987), são a primeira e mais antiga forma de união dos que se propuseram a fazer teatro.

Voltando nossa atenção à história, vamos ver que a palavra “festival”, nos seus primórdios, se confundia com a ideia de benefício que se podia fazer ao próximo.

---

<sup>1</sup> Jornalista pernambucano, crítico, professor e pesquisador do teatro, Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e atualmente Doutorando em Artes Cênicas na UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (RJ). Além de organizador de acervos, possui vários livros publicados. Contato: leidson.ferraz@gmail.com.

<sup>2</sup> Todos acessados no portal *Hemeroteca Digital Brasileira*, verdadeiro oásis de preservação da memória do nosso país, que reúne periódicos e documentos raros coletados, tratados e digitalizados pela Fundação Biblioteca Nacional no intuito de conservar parte do patrimônio documental brasileiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>.

Realizar um festival artístico era, necessariamente, promover uma apresentação cênica com renda voltada a uma instituição, a alguém necessitado (enfermos ou com dívidas monetárias) ou mesmo a algum elemento ligado à cena. De caráter beneficente, o festival estava atrelado à perspectiva de se fazer um bem a um conhecido e pode-se deduzir que quando ganharam o perfil que hoje nós conhecemos – reduto de apresentações que aposta na maior diversidade de atrações e atividades, incluindo as formativas –, não deixaram de ser esse benefício à sociedade, como um bem a todos mesmo, o compartilhamento festivo de celebração à arte.

Entendendo que um conceito não é imutável e pode incorporar novos sentidos, já no século XIX os festivais, como benefícios, tornaram-se prática comum na vida teatral, prevista em contrato e considerada uma forma de remuneração a mais dos artistas, técnicos e dramaturgos, além de ser uma oportunidade de avaliar o prestígio que tinham junto ao público, à imprensa e aos seus pares. Com o passar do tempo, o festival tornou-se uma manifestação de conagração coletivo ao intercâmbio cultural, com critérios e prazos a cumprir, numa espécie de reverência às artes, oferecidas e consumidas em doses maiores num período de intensa fruição<sup>3</sup>.

A primeira experiência brasileira a reunir seis espetáculos diferentes, numa sequência que pode ser considerada um “festival”, mesmo não intitulada como tal na época, aconteceu em 1898 e partiu da associação denominada Centro Artístico, no Rio de Janeiro, exibindo somente óperas e comédias de autores nacionais (PENNA-FRANCA, 2021). No entanto, o Festival Shakespeare, organizado por Paschoal Carlos Magno no Rio de Janeiro, em 1949, foi o primeiro evento a ganhar oficialmente tal alcunha, mesmo caracterizando-se como prova pública dos alunos do Seminário de Arte Dramática, escola mantida pelo grupo Teatro do Estudante do Brasil (TEB). A programação reuniu três diferentes peças do bardo inglês, incluindo *Sonho de Uma Noite de Verão*, única com récitas diurnas para atingir o público infantojuvenil.

Mas o pioneiríssimo festival de teatro a usar realmente tal título, com variadas atrações, já próximo ao que conhecemos hoje, foi o I Festival Paulista de Teatro Amador, organizado pela Federação Paulista de Amadores Teatrais e o Clube de Teatro, na cidade de São Paulo, de 6 a 22 de novembro de 1954, no Teatro Colombo e Teatro João Caetano, com quinze espetáculos de várias cidades do estado. A maioria das obras

---

<sup>3</sup> No artigo “Contribuição à história dos festivais de teatro no Brasil”, que escrevi em 2019 para a revista *Arteriais*, da Universidade Federal do Pará (UFPA), abordo detalhes dos primeiros eventos de teatro no Brasil a ganharem a alcunha de festivais artísticos, não mais tendo a beneficência em primeiro plano. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/9821>>.

era de dramaturgos estrangeiros e apenas uma das peças, entre os autores nacionais, direcionada ao público infantil, *A Menina das Nuvens*, de Lúcia Benedetti, pelo Grupo Experimental de Teatro, sob direção de Francisco Giachieri, que até ganhou um Prêmio Especial pela encenação da obra.

Outra peça de Lúcia Benedetti, *Simbita e o Dragão*, pelo Grupo Teatral do Clube Infanto-Juvenil Isaac Leib Peretz, também estava programada para acontecer, mas acabou cancelada de última hora. Naquele mesmo ano de 1954 a dramaturga e diretora teatral Maria Clara Machado pensou em organizar um festival de teatro para a infância com o seu grupo carioca O Tablado, sem sucesso. O mesmo projeto teve o poeta e jornalista José César Borba em 1955, quando ainda estava à frente do Serviço Nacional de Teatro (SNT), mas somente três anos depois o I Festival de Teatro Infantil pôde ser concretizado no Rio de Janeiro, a então capital do país, pela iniciativa de outro diretor daquela instituição federal, o professor Edmundo Moniz. Ele coordenou o evento em parceria com Beatriz Veiga, Olavo de Barros e Cursino Raposo, membros da Comissão de Teatro Infantil do SNT.



**À meninada, finalmente** – Se na história do teatro para crianças no Brasil somente em 1948, com *O Casaco Encantado*, outra criação de Lúcia Benedetti, pela companhia carioca Os Artistas Unidos, uma montagem profissional com adultos pôde mudar o panorama do campo artístico e estético existente, até então quase restrito à

finalidade educativa e com o palco mais ocupado pelas crianças<sup>4</sup>, foi em 1958 que o I Festival de Teatro Infantil, o pioneiro do país, concretizou-se no Rio de Janeiro.

Com excelente público, ótima recepção da crítica e ingressos a preços populares (dez cruzeiros na época, quando O Tablado, por exemplo, cobrava 40 cruzeiros por sessão, preço único), o aguardado evento teve início no domingo de Páscoa, em 6 de abril de 1958. A receita financeira de cada récita foi dividida irmanamente entre a equipe participante e o SNT. Uma série de dez espetáculos foi agendada no Teatro João Caetano – ainda com seus 1.800 lugares –, sempre aos domingos, às 10 horas, começando com *A Revolta dos Brinquedos*, texto da dupla Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, representado pelo Teatro Artístico de Comédia (direção Washington Alves).

Na sequência vieram *Os Soldadinhos de Chumbo*, de José Francisco, pelo Grupo Teatral Miguel Carrano-Zezé Macedo (dir. Heitor Dias); *Paulinho no Castelo Encantado*, de Vlademir José, pelo grupo Os Peregrinos (dir. Aylton de Menezes); *A Bruxinha Que Era Boa*, texto e direção de Maria Clara Machado, com O Tablado; *Joãozinho Mais Maria*, de Daniel Rocha, pelo grupo Os Idealistas (dir. Cícero Nadaís); *O Bobo Bobão*, de Lígia Nunes, com o Teatro da Praça (dir. Geraldo Queiroz); *A História do Mágico de Oz*, de José Valuzzi, pelo Teatro da Hebraica (dir. Jorge Levy); e *O Filhote do Espantalho*, de Oswaldo Waddington, pelo Teatro de Bolso (dir. Aurimar Rocha). O teatro de bonecos foi representado por três peças curtas em sequência, *O Tubo Milagroso*, *Maroquinhas Fru-Fru Recebe Uma Serenata* e *A Cabra Cabriola*, respectivamente dos autores Antônio Bagaglio, Maria Clara Machado e Hermilo Borba Filho, realização do Teatro de Fantoches O Vagalume (dir. Íris Barbosa Melo).

O evento carioca contou ainda com um elenco de fora, o do Teatro Permanente da Criança, núcleo do Teatro do Estudante do Paraná, que viajou graças ao apoio da esposa do governador paranaense para estrear *Quero Ser Gente*, de Armando Maranhão, também na direção e dando continuidade à trama de *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado. Mas após o Festival, a escritora mineira radicada no Rio de Janeiro proibiu, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), que tal montagem

---

<sup>4</sup> “O acontecimento é o marco inicial de um processo em que companhias profissionais e grupos amadores se formaram para atuar exclusivamente para as jovens gerações. Isso exigiu o desenvolvimento de uma linguagem cênica até então inexistente no teatro brasileiro e o público infantil e jovem passou a ter pauta reservada nas casas de espetáculos existentes nas maiores cidades brasileiras” (SANTOS NETO, *Aspectos da Formação do Teatro Infantil no Brasil: para uma revisão da história mal contada do teatro para crianças e jovens no país*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá/PR, 2016, p. 94. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/jfsneto%20do.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020).

voltasse a ser apresentada. Independente desse conflito, o I Festival de Teatro Infantil, com seleção pública e de caráter competitivo, foi um sucesso. A comissão julgadora foi composta pelos teatrólogos Joracy Camargo e Gustavo Dória, além de uma representante do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), Eny Caldeira.

*O Bobo Bobão* ganhou como melhor espetáculo e houve uma classificação especial para *A Bruxinha Que Era Boa*, pelo valor do texto e realce dos elementos plásticos na encenação. O melhor é que a visibilidade ganha pelas peças<sup>5</sup> fez muitas entrarem em temporada e o Festival de Teatro Infantil teve continuidade no ano seguinte, já sob o slogan “Alegre! Instrutivo! Educativo” e integrado à Campanha Nacional do Teatro, do Ministério da Educação e Cultura. O professor Edmundo Moniz, ainda diretor do SNT, chegou a afirmar que os objetivos eram “o estímulo aos grupos teatrais, em grande parte formados pelo esforço de amadores, e incentivar a garotada para a arte cênica, despertando vocações e dando-lhes possibilidade de maior cultura” (*Apud* II FESTIVAL..., *Correio da Manhã*, 12 jul. 1959, p. 17).



A segunda versão aconteceu de 23 de agosto a 15 de novembro de 1959, no mesmo Teatro João Caetano, sempre aos domingos pela manhã, contando com a participação de quinze grupos ao total. E mesmo num período de chuvas, o enorme teatro estava quase sempre lotado! Pena que depois, sem maiores explicações, o evento deixou de existir e somente a 3 de janeiro de 1961, mais de um ano após sua extinção, o

---

<sup>5</sup> *A História do Mágico de Oz*, do Teatro da Hebraica, realização amadora da colônia israelita no Rio de Janeiro, teve tão boa receptividade que Paschoal Carlos Magno convidou a turma para integrar, como única peça voltada às crianças, a programação do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, que ocorreu em julho de 1958, no Recife, conquistando sucesso também em solo pernambucano.

SNT entregou os prêmios aos participantes daquelas duas únicas edições, com medalhas de ouro aos primeiros colocados e diplomas a todos os conjuntos (alguns nem mais existiam). No entanto, mesmo com o Festival sem outras atividades além da exibição de peças em competição, ele representou um avanço ao segmento teatral. Duas outras propostas, agora particulares, surgiram então na capital carioca.

**Empresários atentos** – No Teatro do Solar, situado no orfanato Solar Bezerra de Menezes, no Campo de São Cristóvão, começou um outro Festival de Teatro Infantil no Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 1959, pela coordenação da dupla Carlos Nobre e José Brasil. Na programação, peças como *A Revolta dos Brinquedos*, pelo Grupo O Grilo (dir. Armando Carlos Magno); *Pluft, o Fantasminha*, com o Teatro Rural do Estudante (dir. Rogério Fróes); *Sinos de Natal*, de Lúcia Benedetti (dir. José Brasil), contando com participação majoritária das internas do orfanato; e *O Bobo das Adivinhações*, de José Brasil, com o Teatro Tia Rosa (dir. Carlos Nobre). Um bom público pagante prestigiou a iniciativa, que se prolongou até final de janeiro de 1960, sempre aos domingos, às 17 horas.

Já por financiamento do empresário Eduardo Farah, surgiu o competitivo I Festival de Teatro Infantil do Estado da Guanabara, na Zona Norte fluminense, que ocorreu de 27 de novembro de 1960 a 15 de janeiro de 1961, com doze apresentações diferentes no Teatro Tijuca (junto à praça Saenz Peña), aos sábados, às 15 horas, e domingos, às 10 horas, com apoio da Coca-Cola Refrescos. Os ingressos custavam 60 cruzeiros, iguais aos cobrados no cinema, e toda a renda foi direcionada aos próprios concorrentes. *Pluft, o Fantasminha*, com o conjunto Os Intérpretes (dir. Hélio Neri), venceu como melhor espetáculo e recebeu a premiação de dez mil cruzeiros. Henrique Campos, no *Jornal dos Sports*, fez o seguinte comentário:

Um nome se agigantou no I Festival de Teatro Infantil do Estado da Guanabara e este foi o do dr. Eduardo Farah, que forneceu teatro, luz, porteiros, ar-condicionado e tudo que se fez necessário para o brilhantismo do certame, sem nada exigir. Até mesmo o aluguel não foi por ele cobrado dos Grupos, em reconhecimento ao sacrifício que todos dispenderam para uma apresentação digna. (CAMPOS, *Jornal dos Sports*, 21 jan. 1961, p. 10)

O II Festival de Teatro Infantil do Estado da Guanabara aconteceu de 4 de novembro a 24 de dezembro de 1961, com a participação de onze grupos, ocupando

simultaneamente o Teatro da Tijuca e o Teatro Santa Rosa, desta vez numa promoção da Associação de Teatro Amador (ATA), presidida por Hélio Neri, e incluído na campanha “Vamos ao Teatro Infantil”, mas ainda com custos bancados pelo empresário Eduardo Farah. *O Consertador de Brinquedos*, de Stella Leonardos, com o Grupo Os Guanabarinós (dir. Hélio Neri, novamente ele), venceu quase todas as categorias e ainda abocanhou os cem mil cruzeiros doados pelo SNT. Apesar de prometida, a terceira edição não aconteceu. Somente a partir de 1964 a ATA passou a realizar novo Festival de Teatro Infantil da Guanabara, resistindo ainda por vários anos.

**Teatrizes** – O interesse de artistas atraídos a fazer teatro para a meninada era tão crescente que a capital de São Paulo passou a ser sede do I Festival Paulista de Teatro Infantil, de 5 de outubro a 3 de novembro de 1963, no auditório do Instituto de Educação Caetano de Campos, com espetáculos gratuitos sempre às 15 horas. A ideia foi organizada pela Comissão Estadual de Teatro, através da Subcomissão de Teatro Infantil (integrada, entre outros, por um representante do Juizado de Menores, orientadoras educacionais e pela atriz Dina Lisboa, que a sugeriu após visitar países europeus e observar o que ali se realizava nesse campo). Sete montagens estiveram como atração.

Foram elas: *O Circo Bim-Bam-Bum*, de Jorge Ovalle (dir. Kleber Afonso); *O Reizinho*, zarzuela em versos do padre Felipe Alcântara, com os Pequenos Cantores do Liceu Coração de Jesus (dir. padre Anderson Paes); *Joãozinho Anda Pra Trás*, de Lúcia Benedetti, em versão do Teatro Infantil do Arena (dir. Silnei Siqueira); *Um Lobo na Cartola*, de Oscar Von Pfuhl, com o Teatro de Grupo (dir. Roberto Vignati); *A Princesa e o Pescador*, lenda japonesa com o Teatro Infantil Ivone Hirata, direção da própria; *A Menina de Cabelos de Ouro*, de Jurandir Ferreira, com o Teatro de Ensaio (dir. Paulo Aloise); e, por fim, *Artimanhas de Scapino*, de Molière, com alunos da conceituada EAD – Escola de Arte Dramática (dir. Maurice Vaneau). Não encontrei críticas ou registros de continuidade desse Festival<sup>6</sup>.

No Recife, concebido próximo aos festejos do Natal, o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco gerou burburinho na imprensa quando o Movimento de Cultura

---

<sup>6</sup> A questão de pioneirismo é complicada porque, antes mesmo desta proposta, uma outra, intitulada Festival de Teatro Infantil, aconteceu no dia 1 de junho de 1961 em São Paulo, ou seja, dois anos antes, numa promoção do Teatro Moderno, Teatro Giramundo e Palácio das Mágicas, ocupando o Ginásio do Ibirapuera em única sessão, começando às 18 horas, com a participação de comediantes, ventríloquos, exibição de bonecos articulados, palhaços e “índios”. Para divulgação desse “festival”, cujo perfil é notadamente um show com exibições variadas à meninada, até uma passeata tomou conta das principais ruas do centro paulistano no dia 30 de maio de 1961.

Popular (MCP), Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP) resolveram realizá-lo no período de 15 a 25 de dezembro de 1963, começando na sede do Teatro do Banorte e continuando no Teatro de Santa Isabel e na Faculdade de Filosofia de São José, sempre com entrada franca. Seis conjuntos locais foram convidados, e esta seleção deu o que falar. O crítico Adeth Leite chamou o Festival de “doméstico”, servindo apenas para a exibição de peças em torno das comemorações natalinas, e já clamando pela diversidade que todos almejam reclamou algo mais plural “em que tomassem parte os conjuntos infantis do Recife, do Estado e de toda a região nordestina, pelo menos” (LEITE, *Diário de Pernambuco*, 26 out. 1963, p. 3).

A grade de atrações reuniu o elenco do Teatro do Banorte, na peça de Lúcia Benedetti, *Sinos de Natal* (dir. Luiz Mendonça); o Conjunto Teatral Marista, com *O Casaco Encantado*, também de Benedetti (dir. João Batista de Queiroz); o Teatro do DECA, com o espetáculo *Presépio de Casa Forte* (dir. Lourdes Góis); o grupo “Os Corujinhas” (dir. Geninha da Rosa Borges), na peça *O Menino Atrasado*, de Cecília Meirelles, originalmente escrita para bonecos; o Grupo Infantil de Comédias, com *O Goleiro do Fortaleza*, autoria e direção de Waldemar Mendonça; e o Teatro de Cultura Popular, com a peça *Da Lapinha ao Pastoril*, de Leandro Filho e Luiz Mendonça (também na direção e à frente do setor teatral do MCP). Curiosamente, a grande maioria das montagens foi apresentada no horário noturno, às 20 horas, mas a programação contou ainda com uma exposição de materiais da época natalina, no *hall* do Teatro de Santa Isabel, organizada pelo Irmão Gilberto Martins. O evento parou ali<sup>7</sup>.

**Ocupando lugar** – Até então, o que podemos observar em todos esses pioneiros festivais é que nasceram para dar mais opção cultural à criança, pela intensa oferta de atrações em sequência, com obras pensadas àquele público numa diversidade de propostas temáticas, além dos ingressos (quase sempre) serem convidativos ou gratuitos. É certo que tinham como foco uma diversão ainda “educativa” e eram bem acanhados em suas programações, mas deram o pontapé para reconhecermos a criança

---

<sup>7</sup> Só a título de curiosidade, destaco que o Recife teve um novo I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, no período de 3 a 11 de junho de 1978, no Teatro do Parque, numa promoção do Clube de Teatro Infantil e Associação Cultural e Educacional, sob a coordenação do ator, dramaturgo e diretor Leandro Filho. Onze peças do Recife, Jaboatão dos Guararapes e Caruaru (PE) puderam se exibir, como *Putz, a Menina Que Buscava o Sol*, de Maria Helena Kühner; *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, do próprio Leandro Filho; *A Duquesa dos Cajus*, de Benjamim Santos; e *A Viagem ao Faz-de-Conta*, de Walter Quaglia, todas submetidas à apreciação de um júri infantil. A iniciativa contou com apoio do SNT e da Prefeitura Municipal do Recife. Mais detalhes: FERRAZ, Leidson. *Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX (Volume 01)*. Recife: edição do autor/FUNCULTURA, 2016.



como espectador necessário nas casas de espetáculos e ainda mais num período de festa, símbolo-cerne de um festival que busca, como espaço diferenciado a cada edição, a fidelização de novos espectadores.

O inegável é que foram eles que, numa via de mão dupla entre artistas e públicos, fortemente estimularam o interesse pelo teatro (destaco, em todos, a presença de tantos dramaturgos e diretores, dos já consagrados aos estreantes, para citar só duas das funções ali envolvidas, além da possibilidade dos grupos ao menos se verem no intercâmbio possível até aquele momento, ainda sem espaços para a formação ou mesmo debates), e tornaram-se inesquecíveis para qualquer um atento às suas existências. Tanto que, paulatinamente, em todo o restante do país não foram poucas as tentativas de organização de festivais de teatro para crianças, todos no sonho de continuidade, e alguns até que conseguiram. Outros, infelizmente, só existiram em primeira e única versão.

No Amazonas, por exemplo, o I Festival de Teatro Infantil ocorreu na cidade de Manaus, de 12 a 26 de junho de 1965, numa ação do diretor teatral, dramaturgo e produtor Alfredo Fernandes, na época diretor do Teatro Amazonas, com o apoio do Departamento de Cultura do Estado. Numa espécie de mostra cênica dos textos infantis do próprio idealizador, subiram àquele palco as peças *Lágrimas de Brinquedo*, *A Bruxa de Louça* e *Um Brinquedo Atrás da Porta*. Numa segunda e última versão, no ano de 1966, além das mesmas obras, participaram também *Dois Anjinhos de Castigo*, *Um Brinquedo Igual a Gente* e *Bonecas da Mesma Cor*, todas de Alfredo Fernandes, com promessas de chegarem também às cidades de Parintins e Itacoatiara.

No Paraná, o I Festival de Teatro Infantil e de Bonecos surgiu em Curitiba, de 9 a 17 de fevereiro de 1974, em paralelo ao Seminário de Teatro Infantil e de Bonecos, coordenados pela Fundação Teatro Guaíra como parte do plano de ação cultural do Governo Emílio Gomes. As sessões ocuparam o Centro de Criatividade do Parque São Lourenço, pela manhã, e o Teatro Guaíra, no período da tarde, com discussões noturnas neste último espaço. Entre os temas debatidos, com nomes como Pernambuco de Oliveira, Emílio Di Biasi e Maria Helena Kühner, “O fantástico no teatro infantil” e “Incentivos ao teatro popular”. Na grade de espetáculos, opções como *História dos Sorvetes*, teatro de bonecos com o Grupo Sacro-Som, de Maringá (PR); *Fantoches e Sombras*, com o Grupo Quintal, de Niterói (RJ); e *A Festa no Céu e Pimentinha e o Jacaré*, dois trabalhos do Grupo Torre Amarela, da própria Curitiba.

Por sua vez, o I Festival Brasileiro de Teatro Infantil do Distrito Federal aconteceu em Brasília, de 22 a 30 de setembro de 1979, numa realização do SESC em parceria com o SNT, no Teatro SESC Garagem, oferecendo atividades de formação e apresentações gratuitas de espetáculos de vários lugares (alguns indo até os distritos de Sobradinho, Ceilândia e Brasilândia). Na programação, palestra de abertura com Ilo Krugli e Fanny Abramovitch; curso de teatro de rua e, o que mais chamou a atenção, intensos debates após a exibição de cada peça, entre elas, *Flicts... Era Uma Vez Uma Cor*, de Ziraldo e Aderbal Jr. (dir. Robson Silveira), com o Grupo Ponto de Partida, de Vitória (ES); *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, de Antônio Fernando Bezerra (dir. Chico Expedito), com o Grupo Katharsis (DF); *O Professor Pardal no Planeta do Futuro*, texto e direção de Otoni de Carlo, com o Teatro de Bolso de Brasília, e *Os Reis da Floresta de Cimento*, texto e direção de Jorge Lins de Carvalho, pelo Grupo Raízes, de Aracaju (SE).

**Brasil à infância** – Na região mineira, se em 1966 surgiu o I Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo como sede a cidade de Ouro Preto, no ano de 1972 o ator, diretor e produtor Pedro Paulo Cava, de Belo Horizonte, coordenou um Curso de Teatro Infantil no evento, que em 1974 passou a contar com um Festival de Inverno Mirim e Volante e, na edição seguinte, sob criação e coordenação do mesmo artista, um primeiro e único Festival Nacional de Teatro Infantil. No Espírito Santo há referência ao I Festival Nacional de Teatro Infantil de São Mateus, em 1988, sendo que na capital Vitória o intitulado I Festival de Teatro Infantil do Espírito Santo só surgiu em 1999, completando 14 edições consecutivas.

Já em Santa Catarina ficou no sonho o I Festival do Teatro Infantil que a diretora Geny Borges quis realizar com o Teatro Infantil de Florianópolis (TIF) no início de 1961, exibindo *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, *Joãozinho e Mariazinha*, *O Rapto das Cebolinhas* (de Maria Clara Machado) e *O Saci*. Na proposta de mostra artística do seu repertório no Teatro Álvaro de Carvalho, as peças demoraram a se concretizar e talvez a última nem tenha acontecido. A única obra de autoria divulgada, por exemplo, só chegou à cena em 1965. Mas as terras catarinenses puderem ter, a partir de 1997, aquele que é hoje o mais conhecido festival brasileiro voltado ao teatro para crianças.



Refiro-me ao Fenatib, que nasceu como Festival Nacional de Teatro Infantil de Blumenau e, desde 2019, passou a ser de Teatro Para Crianças e Jovens. Com o propósito de conhecer, discutir e apreciar a melhor produção cênica do país no gênero em questão, o evento busca recursos anualmente pela Lei Federal de Incentivo à Cultura e, além da apresentação de espetáculos numa mostra não competitiva que chega a locais para além das salas de teatro, conta com a publicação da *Revista do Fenatib* (disponível em <https://inarti.org.br/revista-do-fenatib/>) e espaços de reflexão sobre a prática teatral, incluindo debates para análise das montagens participantes. A cada ano, um público de 15 mil crianças, jovens e adultos encanta-se com a seleção feita.

Realizado pelo Instituto de Artes Integradas de Blumenau, em parceria com a então Fundação Cultural de Blumenau, o evento teve na sua estreia, de 19 a 22 de agosto de 1997, no Teatro Carlos Gomes, dez peças de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. A seletiva nacional para a programação final prioriza, entre outros itens, variadas linguagens cênicas, a qualidade dos elementos de cada espetáculo, obras que não sejam cópias de produções da TV ou do cinema e que busquem valorizar a inteligência e a capacidade de compreensão da criança. O 24º Fenatib ocorreu no período de 9 a 16 de setembro de 2022, com presença de 18 espetáculos de nove estados, paralelamente ao 4º Seminário de Estudos Sobre Teatro Para Crianças e Jovens que teve como tema “O teatro de sombras na escola”.

No Piauí sabe-se que o I Festival de Teatro Para Crianças e Adolescentes ocorreu em Teresina, pela Fundação Estadual de Cultura e Desportos, de 4 a 9 de outubro de 1999, e contou com mais edições nos anos 2000, 2004 e 2005, a última

ocorrendo em paralelo ao II Festival de Teatro de Bonecos e Formas Animadas do Piauí. Ocupando o palco do Theatro 4 de Setembro, sempre em outubro, o evento nasceu para congrega equipes da própria capital, a exemplo das que estiveram na grade inaugural: o Grupo Harém de Teatro, Grupo Asmodeus de Teatro Amador, Grupo Teu, Frank Mamu Produções e A&C Assessoria e Promoções Culturais. Um dado a se considerar é a valorização da presença maciça de peças escritas por dramaturgos locais, como Benjamim Santos, Rubens Nery Costa e Walfrido Salmito, além de vários estreates.

No Rio Grande do Norte, o teatrólogo Jesiel Figueiredo costumava agendar festivais para suas produções voltadas à infância. Em 1987, por exemplo, as peças *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Conto de Fadas*, *Chapeuzinho Vermelho*, todas adaptações suas, e *A Viagem de um Barquinho*, de Sylvia Orthof, fizeram parte desta programação de férias, aos domingos, no Teatro Alberto Maranhão. Mas o destaque maior no Estado aconteceu na cidade de Macaíba, que lançou seu Festival de Teatro Infantil Ciranda de Livros ainda em 1985, chegando a quatro edições consecutivas. Integrado às comemorações de emancipação política do município, foi sempre realizado pela Prefeitura Municipal de Macaíba, graças ao incentivo da prefeita Odiléia Mesquita, com exposições, homenagens, oficinas de iniciação teatral e apresentações de grupos da própria região.

Ainda com foco no Nordeste, tanto na Paraíba quanto no Ceará, o I Festival de Teatro Infantil do SESC, de caráter sempre competitivo, foi o desbravador entre as propostas da área. Em João Pessoa, aconteceu por três anos seguidos, de 1987 a 1989, contando com atrações de outros estados como a peça *Avoar*, de Vladimir Capella, na encenação de José Manoel, da TTTTrês Produções Artísticas, do Recife, vencedora do título de melhor espetáculo pelo júri popular e oficial na estreia do projeto. Em Fortaleza, numa primeira e única edição no ano de 1988, no Teatro Arena Aldeota, só montagens locais participaram, a exemplo de duas produções do veterano grupo Comédia Cearense, com o saudoso Haroldo Serra à frente dos trabalhos: *A Onça e o Bode*, de Cleber Fernandes, e *Romão e Julinha*, de Oscar Von Pfuhl (este último levou os prêmios de melhor espetáculo e direção).

Na Bahia, mesmo diante de décadas com uma cena pulsante, somente em 2005 surgiu um festival de teatro para crianças, o Vilerê, reunião de espetáculos criados pelos grupos residentes do Teatro Vila Velha, importante polo de resistência cultural baiano. Inicialmente como programação de férias para celebrar o mês da criança, diversos

formatos já foram experimentados. O destaque maior é para o teatro, mas também há espaço para shows musicais, oficinas (jardinagem, gastronomia, customização de camisetas e circo em família, entre outras), exposições, lançamentos de livro, bate-papos e atividades lúdicas variadas, como uma mostra de *minigames*. A 10ª edição do Vilerê, a última até então realizada, aconteceu em 2017 com o tema “Brincando com artes e tecnologias”, já como um festival para crianças e jovens.

Pela importância de sua realização, impossível não destacar no centro-norte baiano o FENATIFS – Festival Nacional de Teatro Infantil de Feira de Santana, promovido pela Cia. Cuca de Teatro, que também mantém na cidade, desde 2005, o projeto *Domingo Tem Teatro*, com atrações sempre renovadas da região. O Festival surgiu em 2008, graças ao patrocínio do Fundo de Cultura da Bahia, hoje já no calendário cultural do Estado. Há anos engloba as mostras Nacional, Interior do Nordeste, de Talentos Mirins (7 a 12 anos) e de Jovens Talentos (13 a 29 anos), além de atividades formativas como oficinas, debates e palestras. Sempre lá, o Palhaço Biribinha (AL) dá título a um troféu-lembrança, já que não há competição em toda a programação, com presença maciça de escolas convidadas.

E esses foram os festivais que, diante das limitações para maiores pesquisas, aponto como os primeiros nos seus respectivos estados. Nas demais localidades não consegui identificar, em tempos atrás, outros específicos à criançada e torço para que novas pesquisas possam atualizar as informações que reuni até o momento, inclusive nas versões voltadas à juventude, a exemplo do Festival de Teatro Adolescente Vamos Que Venimos Brasil, cuja 4ª edição aconteceu em novembro de 2022 na cidade de Santo André (SP). Para complementar tal levantamento, como acredito que olhar o passado é também ver o presente por outros vieses, registro outros festivais contemporâneos, inclusive aqueles que ganharam formatos artísticos mais amplos, tornando-se até internacionais e abarcando as infâncias e as juventudes na sua maior diversidade.

E que isso possa servir de estímulo àqueles que, por motivos variados, estacionaram ou tiveram interrupção de continuidade, adiados inclusive por conta da pandemia (alguns até conseguiram se reinventar para a versão *online*) e ainda lutam por recursos para serem retomados. Tudo isso porque só quem acompanhou algum desses afetuosos eventos, presencial ou virtualmente, sabe o quanto eles são importantes para nos lembrar que o ser humano, independente da idade, precisa da arte como respiro. Sempre.



**Fenatib – Festival Nacional de Teatro Para Crianças e Jovens** (Blumenau/SC). Realização: Instituto de Artes Integradas de Blumenau (Inarti) e Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais (SMC).

**FeNAPI – BH – Festival Nacional de Arte Para as Infâncias de Belo Horizonte** (Belo Horizonte/MG). Realização: Insensata Cia. de Teatro.

**Festic – Festival de Esquetes e de Teatro Infantil de Caruaru** (Caruaru/PE). Realização: Assartic.

**FESTIN – Festival de Teatro Infantil de Cascavel** (Cascavel/PR). Realização: produtoras culturais Bruna Bayley e Cynthia Borges.

**Festival A Gente Que Fez – Festival de Artes Com Teatro, Música e Dança** (Jundiaí/SP). Realização: Catarsis – Arte Para Infância e Juventude.

**Festival Altamente Recomendável à Infância** (Manaus/AM). Realização: Buia Teatro.

**Festival Alterosa de Teatro Infantil** (Belo Horizonte/MG). Realização: Teatro Alterosa.

**Festival da Criança** (Ipatinga/MG). Realização: Marilda Lyra Produções e Governo de Minas Gerais.

**Festival de Arte Para Crianças** (antigo Festival de Teatro Infantil) (Vinhedo, Salto e Registro/SP). Realização: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Associação Paulista de Amigos da Arte (APAA) e prefeituras dos municípios.

**Festival de Férias do Teatro Folha** (São Paulo/SP). Realização: Teatro Folha.

**Festival de Teatro Infantil** (Ribeirão/SP). Realização: Ribeirão Shopping Multiplan.

**Festival de Teatro Infantil** (São Paulo/SP). Realização: Shopping Center Norte.

**Festival de Teatro Infantil Ariovaldo dos Santos** (Araraquara/SP). Realização: Secretaria Municipal de Cultura de Araraquara e Fundart.

**Festival de Teatro Infantil Grátis** (São Paulo/SP). Realização: Shopping Parque da Cidade e Cia. Cambaio de Pesquisas Teatrais e Entretenimento Artístico.

**Festival de Férias do Teatro MorumbiShopping** (São Paulo/SP). Realização: Teatro MorumbiShopping.

**Festival de Teatro Infantil Boulevard** (Belo Horizonte/MG). Realização: Boulevard Shopping.

**Festival de Teatro Infantil de Pará de Minas** (Pará de Minas/MG). Realização: Secretaria Municipal de Cultura e Comunicação Institucional.



**Festival de Teatro Infantil de Teófilo Otoni** (Teófilo Otoni/MG). Realização: Azo ART Club e Insólito Cia. de Teatro.

**Festival de Teatro Infantil do Tijuca Tênis Clube** (Rio de Janeiro/RJ). Realização: Amigarte Produções.

**Festival de Teatro Infantil Era Uma Vez** (Belo Horizonte/MG). Realização: Minas Shopping.

**Festival de Teatro Infantil Minas Shopping** (Belo Horizonte/MG). Realização: Minas Shopping e Cyntilante Produções.

**Festival de Teatro Infantil Prazeres Barbosa** (Caruaru/PE). Realização: Grupo Balaio de Coisas.

**Festival de Teatro Infantil Rio in Cena** (Rio de Janeiro/RJ). Realização: Cia. Capa.

**Festival de Teatro Para Crianças de Pernambuco** (Recife/PE). Realização: Métron Produções.

**Festival de Teatro Para Crianças – Festecri** (Porto Alegre/RS). Realização: Primeira Fila Produções.

**Festival de Teatro Razões Para Sonhar** (Caldas Novas, Goiânia e Anápolis/GO). Realização: Anthropos Cia. de Arte.

**Festival “Em Janeiro Teatro Pra Criança é o Maior Barato”** (São José do Rio Preto/SP). Realização: Cia. Fábrica de Sonhos.

**Festival Infantil Arte Pra Guri** (Cabedelo/PB). Realização: Secretaria de Cultura de Cabedelo.

**Festival Infantil de Artes Integradas** (Goiânia/GO). Realização: Plant Cultura e Produções.

**Festival Infantil de Musicais Cyntilante** (Belo Horizonte/MG). Realização: Cyntilante Produções.

**Festival Pintando o 7** (Recife/PE). Realização: Fervo Projetos.

**GURI – Festival Interiorano de Teatro Para Crianças** (Petrolina/PE). Realização: Pipa Produções e Trup Errante.

**Janeiro Arretado de Teatro Para Crianças** (João Pessoa/PB). Realização: Arretado Produções Artísticas.

**FENATIFS – Festival Nacional de Teatro Infantil de Feira de Santana** (Feira de Santana/BA). Realização: Cia. Cuca de Teatro.

**Festijal – Festival Para Infância e Juventude de Alagoas** (Maceió/AL). Realização: Companhia Teatral Nêga Fulô.



**FESTIM – Festival de Teatro Infantil de Mauá** (Mauá/SP). Realização: Grupo Artemis de Teatro.

**Festin – Festival de Teatro Infantil** (Juína/MT). Realização: Prefeitura Municipal de Juína.

**FESTIN – Festival de Teatro Infantil** (São João del-Rei e Tiradentes/MG). Realização: Inovità Imagem e Produção.

**Festin – Festival de Teatro Infantil de Campos** (Campos dos Goytacazes/SP). Realização: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima.

**Festin – Festival de Teatro Infantil de Natal** (Nata/RN). Realização: Idearte Produções.

**Festin – Festival de Teatro Infantil de Niterói** (Niterói/RJ). Realização: Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Festinfante – Festival de Teatro e Artes Integradas Para a Infância** (Itajaí/SC). Realização: Patavinas Culturais.

**FESTIN-GO – Festival de Teatro Infantil de Goiás** (Goiânia/GO). Realização: Cia. Flor do Cerrado.

**Festival da Criança no Teatro** (Passos/MG). Realização: Trupe Ventania.

**Festival Era Uma Vez... Eram Duas, Eram Três** (Curitiba/PR). Realização: Montenegro Produções Culturais.

**Festival Internacional Paideia de Teatro Para a Infância e Juventude: Uma Janela Para a Utopia** (São Paulo/SP). Realização: Cia. Paideia de Teatro.

**Festival SACI – Sociabilização, Arte e Cultura na Infância** (Belo Horizonte/MG). Realização: Joaquina Cultura, Malab Produções e Mercado Moderno.

**Fetico – Festival de Teatro Para Crianças “O Casaco Encantado”** (Goiânia/GO). Realização: Cia. de Teatro Sala 3, Grupo Experimental de Teatro e Trupe dos Cirandeiros – Núcleo de Criação Teatral.

**FIL – Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens** (Rio de Janeiro/RJ). Realização: Borogodó Empreendimentos Culturais.

**FITI – Festival Internacional de Teatro Infantil de São Vicente** (São Vicente/SP). Realização: Prefeitura Municipal de São Vicente e Secretaria da Cultura.

**Pequeno Grande Encontro de Teatro Para Crianças de Todas as Idades** (antigo Festival de Teatro Para Crianças de Curitiba) (Curitiba/PR). Realização: Cia. do Abração.

**Petiz – Festival de Arte Para Infância e Juventude** (Salvador/BA). Realização: Berê Produções e Criare – Projetos Culturais e Educacionais.

**Primeiro Olhar – Festival Internacional de Teatro Para Bebês** (São Paulo e São Bernardo do Campo/SP). Realização: Grupo Sobrevento.

**Primeiro Olhar – Festival Internacional Para a Primeira Infância do DF** (Brasília/DF). Realização: La Casa Incierta.

**TIC – Festival Internacional de Teatro Infantil do Ceará** (Fortaleza, Sobral e São Gonçalo do Amarante/CE). Realização: Invento Assessoria e Produção Cultural.

**TRISCA – Festival de Artes Com Crianças** (Teresina, Parnaíba e Floriano/PI). Realização: Canteiro – Criação, Produção e Práticas Artísticas.

**Um Novo Olhar – Festival de Artes Para a Primeira Infância** (Jundiaí/SP). Realização: Catarsis – Arte Para Infância e Juventude.

**Vilerê** (Salvador/BA). Realização: Teatro Vila Velha.

Fontes:

II FESTIVAL de Teatro Infantil no Distrito Federal. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1959. 1º Caderno/Teatro. p. 17.

CAMPOS, Henrique. Amanhã, no Teatro da Tijuca, os vencedores do Festival Infantil.

**Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 21 jan. 1961. Teatro. p. 10.

LEITE, Adeth. Festival de Teatro Infantil será realizado nesta capital. **Diário de Pernambuco**. Recife, 26 out. 1963. Segundo Caderno. p. 3.

Referências:

CAMPELO, Ací. **História do Teatro Piauiense**. Teresina (PI): A & C Assessoria e Promoções Culturais, 2010.

COSTA, Marcelo Farias. **História do Teatro Cearense**. 2ª ed., revista e aumentada. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

COSTA, Selda Vale da; AZANCOTH, Ediney. **Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus 1944-1968**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

FERRAZ, Leidson. Contribuição à história dos festivais de teatro no Brasil. In: **Arteriais**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes/ICA/UFPA. Vol. 5, Nº 9,

2019. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/9821>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FERRAZ, Leidson. **Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX** (Volume 01). Recife: edição do autor/FUNCULTURA, 2016.

GALVÃO, Claudio. **Theatro Carlos Gomes – Teatro Alberto Maranhão: 100 anos de arte e cultura**. Natal: Claudio Augusto Pinto Galvão, 2005.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu; CARRIJO, Elizângela. **Inventários de Cenas: Mapeamento de fontes sobre o teatro-DF. Matérias do Jornal de Brasília (1972-1999) – Vol. 1.** Disponível em:  
<[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32101/1/LIVRO\\_V1\\_InventarioCenas.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32101/1/LIVRO_V1_InventarioCenas.pdf)>. Acesso em: 17 set. 2020.

KÜHNER, Maria Helena (Org.). **O Teatro Dito Infantil**. Blumenau, SC: Cultura em Movimento Editora, 2003.

KÜHNER, Maria Helena. **Teatro Amador: radiografia de uma realidade**. Rio de Janeiro: INACEN, 1987.

LARA, Simone (Org.). **Memória do Teatro de Grupo: O teatro em Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG: Tradição Planalto, 2017.

LIMA, Geraldo. **O Teatro em Feira de Santana**. Feira de Santana, BA: (s. n.), 2015.

PENNA-FRANCA, Luciana. **Teatro Amador no Rio de Janeiro: associativismo dramático, espetáculos e periodismo (1871-1920)**. Teresina: Cancioneiro, 2021.

SANTOS NETO, Joaquim Francisco dos. **Aspectos da Formação do Teatro Infantil no Brasil: para uma revisão da história mal contada do teatro para crianças e jovens no país**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá/PR, 2016. Disponível em:  
<<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/jfsneto%20do.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2020.

SERRA, Haroldo. **Retrospectiva: 45 Anos da Comédia Cearense**. Fortaleza: Haroldo Serra, 2002.